

# A ÉTICA PSICO-FISIOLOGICA DE IBN GABIROL

Cecilia C. Cavaleiro de MACEDO<sup>1</sup>

## RESUMO

Salomão Ibn Gabirol (Avicébron) é um pensador judeu medieval conhecido entre os cristãos por sua obra filosófica *A fonte da vida* e na comunidade judaica por sua extensa obra poética, cujos trechos foram incorporados inclusive à liturgia das principais festas religiosas. Bem menos conhecida é sua produção ética, composta de dois livros bastante diferentes entre si, mas que correspondem perfeitamente ao tom geral de originalidade e universalidade apresentada pelo restante de sua obra. O opúsculo *Kitâb islâh al-akhlâq*, que ficou conhecido pela sua tradução ao hebraico *Tikkun midot ha-nefesh*, apresenta uma proposta original para a ética de inspiração religiosa comum à época, baseando-se na aplicação ética dos conhecimentos científicos derivados da teoria dos humores. Este pequeno artigo visa apresentar de modo resumido as vinte características que ele atribui à alma animal.

**Palavras-chave:** Filosofia Medieval, Ética, Ibn Gabirol, humores, alma animal.

---

<sup>(1)</sup> Mestre em Filosofia; Doutoranda em Ciências da Religião – PUCSP.

## THE PSYCHO-PHYSIOLOGICAL IBN GABIROL'S ETHICS

### ABSTRACT

*Salomon Ibn Gabirol (Avicbron) is a jewish medieval thinker know by Christians for his philosophical work The origins of life (Fons vitae), and by the Jewish community for his large poetic work, which was incorporated to the religious liturgy. Less known is his work on ethics, constituted by two books which are very different in content, but which follows the same originality and universality present in all the work of Avicbron. The work Kitâb islâh al-akhlâq, translated to hebraic as Tikkun midot ha-nefesh, contains an original proposal for the ethics of religious inspiration of his time, founded on the ethical application of scientific knowledge inspired on the theory of humours. This papper tries to present in a short form the 20 characteristics atributed by him to animal soul.*

**Kewywords:** *Medieval philosophy, ethics, Ibn Gabirol, humours, animal soul.*

### SALOMÃO IBN GABIROL (AVICEBRON)

São escassas as informações biográficas confiáveis das quais dispomos acerca deste autor. Salomão Ibn Gabirol, conhecido na comunidade judaica como um dos grandes poetas da idade de Ouro do judaísmo espanhol, e no pensamento medieval cristão como o filósofo Avicbron, nasceu em Málaga, no auge do domínio islâmico (cerca de 1021), sob o nome Shelomo ben Yehudá ben Gabirol. Sua família, de acordo com as fontes da época, era originária de Córdoba, de onde emigrou provavelmente fugindo das revoltas que deram fim ao califado de Córdoba, conforme relato de Ibn Ezra<sup>2</sup>.

Foi educado na *Taifa*<sup>3</sup> de Zaragoza, nos melhores círculos literários e científicos, empreendendo sua formação sob a

<sup>(2)</sup> *Moshé ibn Ezra, Kitâb al-muhadarah wa-l-mudakara, Madrid, trad.e ed. M. Abumalham, 1976, p. 75.*

<sup>(3)</sup> *Taifas: Reinos separados que se formaram em Al-Andalus após a queda do Califado de Córdoba.*

*Proteção - dhimma*<sup>4</sup> – concedida aos judeus, a qual foi particularmente flexível em certos períodos da história de *Al-Andalus*<sup>5</sup>. Ao que parece, ficou órfão muito cedo, razão pela qual que foi obrigado a buscar mecenas e protetores em figuras importantes no seio da comunidade judaica. Dentre eles, podemos citar em Zaragoza seu amigo pessoal Yequti'el Ibn Hassan (*Al-Mutawakkil Ibn Yishaq Abu Qapron*), assassinado durante golpe de estado que afastou a dinastia governante, e em Granada, Samuel Ibn Nagrella *Ha-Nagid*<sup>6</sup>, com quem não manteve uma convivência muito estável, provavelmente em decorrência de conflitos políticos, literários ou simplesmente pessoais. Mas, dessa maneira, Ibn Gabirol brilhou no interior da comunidade judaica sefardi<sup>7</sup> muito mais por sua obra poética mística do que por sua especulação filosófica. Posteriormente, por volta de 1045, devido a problemas pessoais e políticos, foi expulso da comunidade judaica de Zaragoza. Conforme Cano, este processo só foi finalizado com a promulgação de

<sup>(4)</sup> *Dhimma*: Termo próprio do Direito Islâmico que se refere ao tratamento conferido aos Povos do Livro (Ahl Al-Kitab). Implica em outorgar uma personalidade jurídica que ao mesmo tempo em que reconhece o direito às práticas religiosas garante a sujeição de um patrimônio e a imposição de certas obrigações. A instituição da dhimma remonta à tradição Corânica e a Mohammed, e parte do entendimento de que, uma vez que este se considera um herdeiro dos profetas do Antigo Testamento, e que sua revelação nada mais faz que reafirmar a fé perdida pelos judeus e cristãos, estes não podem ser tratados como inimigos completos, da mesma maneira que seriam tratados os povos idólatras, ateus e politeístas.

<sup>(5)</sup> *Al-Andalus* – Nome dado à Espanha pelos árabes. Al-Gharb Al-Andalus – território árabe na Espanha, de onde se originaram os dois nomes aplicados respectivamente ao sul de Portugal (Algarves) e ao sul da Espanha (Andalucía).

<sup>(6)</sup> Samuel ibn Nagrella foi em Granada homem de confiança, conselheiro e chefe de exército do rei Badis Ibn Habus. Nasceu em Córdoba em 993; foi considerado príncipe entre os judeus, tendo ocupado importantes cargos políticos; patrono dos intelectuais e poetas judeus menos favorecidos, foi veementemente elogiado, quando da sua morte em 1056, pelos mais diferentes personagens judeus da época. De acordo com Sa'id, "*conhecia a lei dos judeus, bem como os meios para fazê-la prevalecer e defendê-la como nenhum outro antes dele chegou jamais a possuir em Al-Ándalus*". Sa'id, *Kitâb Tabaqât al-umam, Libro de las categorías de las naciones*, Madrid, Ed. Trotta, 2000, p. 182

<sup>(7)</sup> Sefardi: de Sefarad – Nome dado à Espanha pelos judeus.

um *Herem*<sup>8</sup>, ou seja, com sua expulsão da comunidade judaica. São datadas de 1045 suas obras éticas, *Tikun midot Ha-Nefesh*<sup>9</sup> (*Livro das qualidades da alma* ou *Livro da correção dos caracteres*) e *Mibhar Ha-Peninim* (*Seleção de Pérolas*). Conforme Graetz<sup>10</sup>, estão inter-relacionadas a publicação destas duas obras e sua expulsão de Zaragoza. A partir desse episódio não há mais informações seguras sobre a sua vida.

Conforme Sáenz Badillos, “não é exagero dizer que Shelomo Ibn Gabirol é uma das figuras mais destacadas da Espanha medieval”<sup>11</sup>. Conhecido entre os árabes como Suleyman Ibn Yahya Ibn Yabirul, este pensador judeu legou-nos preciosidades no campo da poesia, filosofia, ética, gramática hebraica, e temos notícias de sua obra como exegeta, ainda que nada tenha nos restado diretamente das mãos do autor. Sua obra influenciou pensadores judeus, árabes e cristãos, ainda que sua identidade judaica tenha sido apagada através dos séculos, e seu nome quase esquecido em alguns momentos da história.

A obra filosófica fundamental de Salomão Ibn Gabirol é *A Fonte da Vida*. Escrita originariamente em árabe, o que era padrão entre as obras cultas dos intelectuais judeus em *Al-Ándalus* da época, seu original foi perdido, o que terminou por apagar a identidade do autor. Praticamente esquecido pelo pensamento filosófico judaico e islâmico posterior, o pensamento de Ibn Gabirol chegou até nossos dias graças

---

<sup>(8)</sup> Excomunhão. Alguns autores não mencionam o *Herem*. Esta informação está conforme José María Millás Vallicrosa, *Selomo Ibn Gabirol Como Poeta y Filósofo*, Edición Facsímil. Estudio Preliminar María José Cano. Granada, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1993. p. XV, e María José Cano, *Ibn Gabirol, Poesía Religiosa*, Granada, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1992, p. 35.

<sup>(9)</sup> publicado no mês de Nisan (março/abril) de 1045.

<sup>(10)</sup> Heinrich Graetz, *History of the Jews*, vol 3. Philadelphia, Jewish Publication Society of America, 1949, p. 268.

<sup>(11)</sup> Ángel Sáenz-Badillos, *El Alma lastimada: Ibn Gabirol*. Córdoba, Ediciones El Almendro, 1992, p. 9.

à filosofia escolástica cristã<sup>12</sup>, e seu nome foi praticamente aceito como autor cristão até meados do século XIX. As notícias que tínhamos de sua filosofia foram as que chegaram dos diversos autores latinos medievais, os quais desenvolveram seus trabalhos sob os ecos das idéias de Avicébron. Seus escritos são geralmente citados como *Fons Vitae*, ou *Fons Sapientiae* e *De Librum Singularem de Verbo Dei Agente Omnia*. Este último possivelmente seria o *Tratado sobre a Vontade* que ele nos promete no final do *Fons Vitae*, ao qual, contudo, jamais tivemos acesso. Como destas obras não se teve notícia até meados do século XIX, supôs-se que o autor seria algum muçulmano converso, talvez um espanhol de origem islâmica que vivera e escrevera durante o tempo em que floresceram os filósofos de expressão árabe, Ibn Badja (Avempace), Ibn Rushd (Averróis) e Ibn Tufail<sup>13</sup>.

Ainda que desconhecemos sua real origem religiosa, diversos autores cristãos utilizaram amplamente sua obra e absorveram o seu pensamento, o qual deixou marcas profundas, tanto entre os que o condenaram quanto entre aqueles que o acolheram. Entre os adversários, contamos com grandes nomes que dedicaram longas passagens à refutação de Avicébron. Por exemplo, Alberto Magno<sup>14</sup> denuncia em *De intellectu et intelligibili* a filosofia de Avicébron como “odiosa” e “repugnante”. Tomás de Aquino dedica-se longamente à refutação da obra de Ibn Gabirol, retornando umas quinze vezes<sup>15</sup>,

<sup>(12)</sup> Conhecemos o seu pensamento filosófico por meio de duas traduções que permaneceram: a primeira é a *Fons Vitae* latina, que seria supostamente uma tradução completa e fiel do original, confeccionada por Juan Hispano e Domingo González (Gundissalino). A outra via que serviu à circulação do livro foi uma compacta tradução hebraica denominada Mekhor Hayim, realizada por Shem Tov Falaquera. Nesta edição, a estrutura de apresentação em forma de diálogos entre discípulo e mestre foi modificada. As perguntas, presentes na versão latina, foram removidas, sendo preservada apenas a explicação concisa do mestre. Somente os trechos que continham as idéias fundamentais foram traduzidos.

<sup>(13)</sup> Munk, *Mélanges de Philosophie Juive et, Arabe*, Paris, Librairie philosophique J. Vrin, 1927, p.153.

<sup>(14)</sup> Ver De Libera, *A Filosofia Medieval*, São Paulo, Edições Loyola, 1998. p. 203.

<sup>(15)</sup> Em *De Ente et Essentia, De spiritualibus creaturis, De substantiis separatis, Quodlibeta*, etc. Ver Fernand Brunner, *Platonisme et Aristotelisme, La critique d'Ibn Gabirol par Saint Thomas D'Aquin*. Louvain, Publications Universitaires de Louvain, 1965, p. 36.

em seus escritos, às questões das quais veementemente discordou<sup>16</sup>.

Em contraposição a esses eminentes detratores, as concepções de Ibn Gabirol contaram com defensores não menos brilhantes entre os grandes expoentes do pensamento cristão, os quais adotaram algumas de suas principais idéias, especialmente os franciscanos. "A escola franciscana posterior admitiu com entusiasmo nosso autor, especialmente no que se refere ao voluntarismo cósmico e divino e ao hilemorfismo aplicável a todos os seres."<sup>17</sup> Além de ser notada fortemente nos próprios tradutores do *Fons Vitae*, a influência de Ibn Gabirol ainda é extremamente significativa em Guilherme de Auvergne, que da seguinte maneira justifica sua admiração:

O teólogo Avicbron, entretanto, um árabe no nome e na pluma, ao que parece, claramente compreendeu isso, dado que menciona expressamente em seu livro que denominou Fonte da Sabedoria, e escreveu um outro livro sobre a palavra de Deus, criador de tudo. Por esta razão eu acredito que ele tenha sido um cristão, já que está claro, pelas descrições históricas, que o reino todo dos árabes esteve, há não muito tempo, submetido à religião cristã.<sup>18</sup>

As doutrinas de Ibn Gabirol, expostas no *Fons Vitae* passaram por autores medievais, tais como Alexandre de Hales, Duns Scott e São

---

<sup>(16)</sup> A crítica do Doutor Angélico gira em torno de três questões fundamentais: a primeira é a noção de hilemorfismo universal que, segundo Santo Tomás, Ibn Gabirol teria sido o primeiro a defender. Tomás de Aquino critica este conceito sobretudo nos tratados *De substantiis separatis* e *De spiritualibus creaturis*; a segunda questão destacada é a da pluralidade de formas em um mesmo indivíduo, doutrina a propósito da qual o filósofo cristão cita à vontade o autor do *Fons Vitae*; e por último, enfatiza também a questão da passividade dos corpos. Ver BRUNNER, Fernand, *Platonisme et Aristotelisme, La critique d'Ibn Gabirol par Saint Thomas D'Aquin*. Louvain, Publications Universitaires de Louvain, 1965. pp. 35-36.

<sup>(17)</sup> LOMBA FUENTES, J. comentário à sua tradução de *La corrección de los caracteres*. In Ibn Gabirol, *La corrección de los caracteres*. Zaragoza, Universidad de Zaragoza, 1990, p. 35.

<sup>(18)</sup> AUVERGNE, Guilherme de, *The Universe of Creatures*, trad. Roland J. Teske, Milwaukee, Marquette University Press, 1998. p. 90.

Boaventura, entre outros. Mais tarde, influenciaram a obra de David de Dinant que, numa leitura muito particular, recolhida por Leão Hebreu (*Yehudá Abravanel*), chegou não só até a Renascença, com Giordano Bruno, mas também até Espinosa, “tendo sido interpretado, por cada um deles, num sentido diferente”.<sup>19</sup>

## A PROPOSTA ÉTICA DE IBN GABIROL

O mais importante texto referente à ética de Ibn Gabirol do qual dispomos é o opúsculo concebido em árabe sob o título *Kitâb islâh al-akhlâq*. Traduzida para o hebraico sob o nome *Tiqqun midot ha-nefesh* em 1167 por Yehudá Ibn Tibbon, recebeu três edições. Trata-se de um livro de ética, do qual existem traduções intituladas *A Correção dos Caracteres* ou *Retificação da Conduta*, apesar de ter sido também citado como *Das Qualidades da Alma*. Escrita em 1045, ano em que Ibn Gabirol abandonaria a cidade de Zaragoza, é uma obra de psico-fisiologia e de ética, considerada a primeira neste gênero no Ocidente, tanto judeu, como cristão ou islâmico<sup>20</sup>. Talvez por seu estilo claro, popular e acessível, essa obra foi aceita no mundo judaico, tendo sido editada diversas vezes. Mais do que um tratado filosófico é um manual prático de educação, baseado nos ensinamentos provenientes da clássica teoria dos humores que remonta a Hipócrates e Galeno, tendo sido transmitida, provavelmente, por Isaac Israeli<sup>21</sup> ou pela produção médica islâmica, mas que, no texto de Gabirol aparece subordinada às finalidades éticas.

A grande originalidade apresentada por Gabirol no campo da ética reside exatamente na construção de seu texto baseado no modelo

<sup>(19)</sup> LOMBA FUENTES, Joaquín Lomba Fuentes, *La corrección de los caracteres de Ibn Gabirol*. Zaragoza, Universidad de Zaragoza, 1990, p. 35.

<sup>(20)</sup> LOMBA FUENTES, Joaquín, Introducción a *La corrección de los caracteres de Ibn Gabirol*. Zaragoza, Universidad de Zaragoza, 1990, p. 11.

<sup>(21)</sup> Apesar desse fato, o nome de Isaac Israeli não é mencionado no texto de Gabirol. Por essa razão, acreditamos que esta não foi a linha de transmissão destes conhecimentos para os judeus de Al-Andalus.

científico da época, que faz com que sua obra se distinga de outros tratados similares de seu tempo. Ele afirma seu ponto de partida racional independentemente da fé, da religião, e do material referente à moral e à jurisprudência desenvolvido no seio do judaísmo até então. Conforme Graetz,

É notável pelo espírito peculiar que a perpassa e pela íntima relação com os mestres da filosofia demonstrada por este jovem. Ao lado dos ditos das Escrituras e das sentenças éticas do Talmud, Gabirol coloca os ditos favoritos do “divino Sócrates”, de seu discípulo Platão, de Aristóteles, dos filósofos árabes e mais especificamente aqueles de um filósofo judeu, Alkuti (talvez Chepez Alkuti). É surpreendente como tão jovem escritor pode ter uma percepção tão profunda das condições da alma humana e dos assuntos mundanos.<sup>22</sup>

Entre os autores judaicos, essa produção ética irá influenciar pensadores posteriores como Bahya Ibn Paquda em sua obra magistral *Os Deveres dos Corações*, o apologeta Yehudá Ha-Levi, em *OKhuzari* e Yehudá Al-Harizi, especialmente em sua célebre obra *Tahkemoni*. No Islã, sua presença pode ser sentida em algumas passagens do *Regime do Solitário* de Ibn Badja<sup>23</sup>.

Seu sistema de citações segue no sentido inverso daquele utilizado por toda a produção ética habitual até seus dias, inclusive por seu predecessor Saadia Al-Fayumi, posto que primeiro eram propostos os textos sagrados e a seguir surgia uma racionalização, muito mais a título de explicação. Gabirol parte da fisiologia e das doutrinas consideradas científicas, especialmente pela medicina da época, e discorre sobre elas utilizando citações bíblicas para justificá-las no decorrer de sua argumentação:

---

<sup>(22)</sup> GRAETZ, Heinrich, *History of the Jews*, vol 3. Philadelphia, Jewish Publication Society of America, 1949, p. 267.

<sup>(23)</sup> LOMBA FUENTES, Joaquín, *La corrección de los caracteres*, op. cit., p. 73, nota 41.

Registrei neste (livro) os argumentos racionais e demonstrações que nos ocorreram, além de aduzir, tanto quanto pudemos, os versículos da Escritura. Não vi prejuízo algum em incluir depois (destes últimos), uns poucos ditos dispersos da Sabedoria<sup>24</sup>.

Antes de mergulhar diretamente no estudo das qualidades da alma, Gabirol esboça no preâmbulo do livro uma breve antropologia. Nesta introdução discorre sobre o homem e sua composição, seu lugar na criação, suas semelhanças com os anjos, e o lugar privilegiado que a humanidade ocupa na criação. Partindo da afirmação do homem enquanto microcosmo, afirma que os homens são compostos tanto de elementos brutos quanto de qualidades provenientes dos estratos mais altos da criação, compartilhando com os anjos as qualidades espirituais e divinas: “dizemos que o (que há) de mais sólido a reconhecer, é que (o homem) é a mais excelsa das criaturas, que compartilha este estado com os anjos (no sentido) de falar e pensar<sup>25</sup>. Essas duas qualidades são divinas e espirituais”<sup>26</sup>. Ibn Gabirol situa assim, a alma racional acima da corruptibilidade que atinge os estratos inferiores da alma humana. A alma racional é, para ele, “substancial, sábia, imortal, não se corrompe”<sup>27</sup>.

Para Ibn Gabirol, os homens não são todos iguais, mantendo diferenças em razão do próprio desígnio de Deus e dos influxos astrais, mas especialmente, essas diferenças dependem do modo como cada um molda o que leva dentro de si, o modo como cada um trabalha as suas próprias características: “Sabemos que, por vezes, um homem pode ser superior a outro. Mais ainda, (sabemos) que um homem pode ser igual a muitos outros, ao possuir uma e a mesma compleição e constituição”<sup>28</sup>. Mas, apesar das diferenças e semelhanças naturais,

<sup>(24)</sup> IBN GABIROL, *La corrección de los caracteres de Ibn Gabirol*. Op. cit., p. 77.

<sup>(25)</sup> Por falar e pensar, Ibn Gabirol refere-se às qualidades da alma racional. No texto hebraico da *Fonte da Vida* a alma racional é referida como “alma falante”.

<sup>(26)</sup> IBN GABIROL, *La Corrección de los Caracteres*, op. cit., p. 60.

<sup>(27)</sup> Idem, p. 60.

<sup>(28)</sup> Idem, p. 60.

mantém de modo bem forte, a liberdade humana que, garante, através dos esforços envidados no sentido da correção e sabedoria, o ingresso no “grupo dos perfeitos”. Esse é o objetivo deste pequeno livro, dado que “desse modo, convirá que tenha cuidado com suas qualidades de caráter, de modo que estejam bem compostas, e que não empregue seus sentidos se não for naquilo que lhe parece ser necessário”<sup>29</sup>.

O homem foi criado por Deus, composto pelos quatro elementos (fogo, ar, terra, ar e água) e com as quatro qualidades cósmicas (quente seco, frio e úmido). Além disso, é dotado dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato). A cada um desses sentidos correspondem qualidades ou características que, de acordo com os humores básicos, compõem a base dos vinte tipos descritos na obra, apresentados a seguir. Assim, são designados a cada sentido, a cada elemento, a cada qualidade e a cada humor características ou qualidades inatas. Estas qualidades e seus correspondentes derivados constituem o material sobre o qual a razão e a liberdade devem trabalhar para que gerem uma amálgama harmônica que sirva de veículo para a posterior escalada que apresenta no restante de sua obra, em especial n’ *A Fonte da Vida*. Distribuindo seu livro em cinco partes dedicadas aos cinco sentidos, dividirá cada uma delas em quatro capítulos, relativos estes às características específicas. Aqui apresentaremos um breve resumo do que apresenta acerca das características fundamentais do homem.

## AS CARACTERÍSTICAS

No seu primeiro capítulo, Ibn Gabirol trata do orgulho. Esta característica prevalece, sobretudo, nos humores amarelos cálidos, posto que é próprio da bÍlis amarela que o produza. Aponta como ramificações deste caráter a vaidade e a jactância, que são desdobramentos negativos de uma característica natural, aos quais as personalidades se apegam, fazendo delas sua marca principal. “Assim

---

<sup>(29)</sup> Idem, p. 61.

sendo as coisas, convém que tomemos bastante cuidado em como conseguir com astúcia o exercício desta característica, em seu sentido reto e evitar (sua utilização) fora de lugar, recordando as coisas abomináveis que resultam quando se é culpado<sup>30</sup>. Para tanto, sugere que o homem reflita sobre o início de seu ser e sobre a morte e transitoriedade da vida.

Quando o homem percebe que todos os seres são mutáveis e que, sobretudo, sua própria existência se modifica e seu corpo desaparece, então, o caráter anímico orgulhoso que tinha diante da vida se converte em humilde e arrependido diante da morte. E quando este argumento racional e da tradição se impõe, é necessário que o homem sábio deseje, por si mesmo, afastar-se de escolher este caráter, posto que é reprovável e não há benefício algum de seu seguimento em circunstância alguma.<sup>31</sup>

Por outro lado, entende esta característica como parte necessária da constituição da alma humana. O problema reside em exercitá-la além do necessário e de maneira incorreta.

Seu segundo capítulo versa acerca da humildade, a segunda das características associadas à visão. Ibn Gabirol afirma que esta característica está mais próxima da virtude que a precedente, sendo um estado precioso e faz perfeitas e completas as boas qualidades daquele que o atinge. Mas, ainda que seja a mais nobre das qualidades, Ibn Gabirol adverte que não é sempre que esta característica deve ser utilizada, dado que humilhar-se diante do malvado não é a coisa certa a fazer:

Quanto à opinião de se há que abandonar este caráter, o homem não deve humilhar a si mesmo diante do malvado. Sobre isso diz (o livro): “Manancial turvo, fonte corrompida é o inocente que fraqueja diante do culpado” (Provérbios 25,26). Costumava-se comentar a respeito disso: O que

---

<sup>(30)</sup> Idem, p. 81.

<sup>(31)</sup> Idem, p. 82.

mais merece a compaixão é o sábio que se perde entre os igno-rantes”. E uma das sentenças de Luqmán<sup>32</sup> é: “O homem nobre quando abandona (o mundo) faz-se humilde e o humilde quando o abandona se engrandece”. E no livro de Al-Quti: “Sê humilde sem rebaixar-te vilmente e com dignidade, mas sem ser arrogante”<sup>33</sup>.

Assim, a humildade, ainda que característica elogiável por natureza, não é boa por si em todas as circunstâncias e tampouco pode ser utilizada indiscriminadamente de modo exagerado, pois há certas circunstâncias nas quais é a última qualidade a ser usada corretamente. Ibn Gabirol tampouco estimula o uso da humildade com relação a autoridades, mas, pelo contrário, instiga a humilhar-se perante o justo e o sábio, mas também a não se perder entre os ignorantes ou compactuar com os cruéis.

Em seu terceiro capítulo, sobre a modéstia e a sensatez<sup>34</sup>, inicia por relatar as relações entre esta característica e a inteligência – fazendo uma apologia da razão:

Perguntou-se a um sábio que era a inteligência e este respondeu que era a sensatez. Perguntou-se-lhe em que consistia a sensatez e respondeu que era a inteligência. Assim, pois, esta característica, embora coincida com a idéia de humildade e se ajuste a ela, é mais nobre, posto que é companheira da inteligência.<sup>35</sup>

<sup>(32)</sup> Note-se o comentário atribuído a Luqmán inserido logo em seguida das máximas e provérbios das Escrituras e antes do muito citado livro de Al-Quti, do qual infelizmente não temos notícias. Luqmán é mítico fabulista árabe, freqüentemente citado no Corão e na literatura muçulmana.

<sup>(33)</sup> IBN GABIROL, *La Corrección de los Caracteres*, p. 86.

<sup>(34)</sup> Característica citada no quadro sob o nome de pudor, seguindo o quadro impresso no livro de Lomba Fuentes. Neste capítulo, especificamente, Lomba Fuentes traduz o termo por “cordura”. Na realidade, trata-se do termo árabe *hilm*, disso derivando a dificuldade de tradução. A palavra aceita os significados de benevolência, indulgência, compreensão, juízo, etc. Neste comentário, preferimos o termo “sensatez”.

<sup>(35)</sup> IBN GABIROL, *La Corrección de los Caracteres*, p. 87.

Para Ibn Gabirol existe uma identificação desta característica com o bom funcionamento da razão, sendo esta uma dos mais importante e nobres, no sentido de que, na sua ausência, não se pode chegar ao conhecimento – razão de existência da alma.

Pela razão o homem consegue os benefícios das ciências, chega ao conhecimento das verdades das coisas, consegue reconhecer a unidade de seu Senhor e alcança uma grande semelhança com a maneira de ser dos anjos (...).

Por conseguinte, em sendo assim as coisas, convém que o homem se entregue com todo interesse a gravar em si mesmo essa característica de tão admirável e grandiosa maneira de ser. Deve preferir-lo a todas as suas outras qualidades naturais e dar-lhe maior valor que a todas as demais características, posto que através dela chegará a muitas virtudes, ocultando-se todos os vícios.<sup>36</sup>

O quarto capítulo refere-se à falta de vergonha, característica que faz daquele que a possui prevalecendo sobre as demais qualidades “abominável ante os olhos de Deus”<sup>37</sup>. Esta característica, entendida aqui também enquanto insolência, está intimamente ligada à soberba e à presunção. Aquele que se entrega à falta de vergonha atua com descaramento, e atrai para si a indignação e o fastio dos demais.

Por outro lado, Ibn Gabirol aponta que mesmo esta característica abominável, traz consigo um lado prático no qual pode ser de valia: a defesa da religião.

Mas, por vezes, a falta de vergonha é algo louvável, como quando se defende a religião, quando se manifesta (publicamente) o serviço (de Deus) e quando se diz a verdade. Mas, ao contrário, opor-se com ela aos santos e

---

<sup>(36)</sup> Idem, p. 87-8.

<sup>(37)</sup> Idem, p. 89.

profetas de Deus é abominável, como diz: “A filhos duros de rosto e de coração empedernido, te envio”<sup>38, 39</sup>

A segunda parte do tratado compõe-se dos capítulos referentes ao sentido da audição, respectivamente, o amor, o ódio, a compaixão e a crueldade. O primeiro capítulo versa sobre o amor. Essa é uma das características desprezíveis<sup>40</sup> da alma humana, posto que o amor que aqui está indicado é aquele que se expressa como fonte das paixões e dos desejos: “É sabido que não chegam a ser perfeitas as virtudes dos sábios até que suas almas dominem suas paixões”<sup>41</sup>. Essa característica domina os ignorantes, na busca do prazer imediato, em detrimento do prazer verdadeiro que estes acreditam estar muito distante, mas que está muito perto. Só em suas mentes parece distante:

Quando esta característica se apodera da alma, os sentidos se tornam inúteis e o homem se torna inconsciente, porque (a estes prazeres) consagrou-se completamente. É como diz (o Livro) sobre estes: “Ai dos que chamam ao mal, bem, e ao bem mal” (Isaías, 5, 20). O dizer do sábio é: “Teu amor a algo te torna cego e surdo”.<sup>42</sup>

Por outro lado, é essa mesma característica que proporciona a capacidade de amar a Deus. Desse modo, o homem deve entregar-se a ela no que diz respeito à submissão a Deus e às suas leis:

Assim, pois, convém que o homem se entregue a esse caráter, quer dizer, ao amor, (nos seguintes casos): no de Deus, Louvado Seja!, como está dito: “Amarás ao Senhor, Teu Deus”<sup>43</sup>; na própria alma, como diz: “Amava-o como

<sup>(38)</sup> Ezequiel 2,4 “Os filhos são insolentes e de coração empedernido. Envio-te a eles para que lhes digas: Assim diz o senhor Yahweh.” Tradução utilizada: Bíblia de Jerusalém.

<sup>(39)</sup> IBN GABIROL, *La Corrección de los Caracteres*, p. 91.

<sup>(40)</sup> *Idem*, p. 93.

<sup>(41)</sup> *Ibidem*.

<sup>(42)</sup> *Idem*, p. 95.

<sup>(43)</sup> Deuterônimo, 11,1.

a si mesmo<sup>44</sup>; no dos parentes, como está escrito: “Como Jacob já amasse a Raquel<sup>45</sup>; no dos filhos, segundo: “Israel amava a José<sup>46</sup>; na própria pátria, como diz (o Livro): “Não irei senão a meu país, a meu lugar de origem<sup>47</sup> no dos irmãos, como disse David: “Jonathan, irmão meu, para mim tão grato<sup>48</sup>; no da esposa, tal como diz: “Cerva querida, gazela formosa (que sempre te embriagam...<sup>49</sup>” e no da sabedoria: “o que ama a sabedoria alegra o seu pai<sup>50</sup>.<sup>51</sup>

O segundo capítulo versa sobre o ódio. A essa característica está ligada o tédio. E o ódio não é somente o caráter em si, de odiar as demais pessoas, mas o autor aponta que, quando se dirige um amor desmesurado às coisas que não são Deus, este amor se converte em seu oposto, um ódio extremo. Nessa passagem, atribui a Sócrates um ditado sobre o ódio:

Como disse o divino Sócrates a seus discípulos: “Presta atenção àqueles que seus corações odeiam, porque o coração humano é como um espelho”. E algo parecido disse o Sábio: “assim como o rosto é refletido na água, o homem (o é) em seu coração” (Provérbios, 27, 19). Assim são as almas. Mas a pior e mais persistente das inimizades é a inveja. Disse o poeta: “Tu podes curar qualquer forma de inimizade, salvo a que provém da inveja”.

No livro de Al-Quti: “O melhor que podes esperar de teus inimigos é que, se possível, converta-os ao teu amor”.<sup>52</sup>

<sup>(44)</sup> | Samuel, 1, 26.

<sup>(45)</sup> Gênesis, 29, 18.

<sup>(46)</sup> Gênesis, 37, 3.

<sup>(47)</sup> Números, 10, 30.

<sup>(48)</sup> II Samuel, 1, 26.

<sup>(49)</sup> Provérbios, 5, 19.

<sup>(50)</sup> Provérbios, 29, 3.

<sup>(51)</sup> IBN GABIROL, *La Corrección de los Caracteres*, p. 94.

<sup>(52)</sup> Idem, p. 98

O terceiro capítulo versa sobre a compaixão e a clemência. Esta característica pertence ao modo de ser do Criador, figurando entre as treze qualidades<sup>53</sup> que se relacionam ao Senhor do Universo. É mais uma qualidade que não apresenta ação contrária, sendo considerada uma das mais nobres entre todas:

O homem inteligente deve ter o caráter da piedade e da clemência sempre presente e enraizado na alma. Disse o sábio: “A compaixão provém da nobreza e da fidelidade”. Sobre isso, o sábio Salomão, exortando à compaixão e à clemência: “Livra os que levam a matar (Não abandones aquele que está em perigo de morte)”. (Provérbios, 24, 11)<sup>54</sup>

O quarto e último capítulo desta parte relacionada ao olfato versa acerca da crueldade. Sendo quase um contraponto ao anterior, esta característica não apresenta de modo algum efeitos positivos, “sendo horrendo em sua totalidade”<sup>55</sup>.

A prova de que este caráter não ocorre senão naqueles que não são justos é o texto (seguinte): “O perverso tem um coração impiedoso”(Provérbios, 12, 10). Platão, autor de leis referentes à vingança disse: “Aquele que deseje vingar-se de seus inimigos, que aumente em si mesmo a nobreza”.<sup>56</sup>

A terceira parte, referente ao sentido do olfato, tem seu início com o capítulo sobre a alegria. Essa característica, de acordo com Gabirol ocorre de modos diferentes nas pessoas. Há quem, pelo temperamento quente e úmido, apresente esta característica de forma natural. Há outros nos quais esta qualidade surge de modo acidental,

---

<sup>(53)</sup> Observar aqui as treze qualidades, citadas no texto do êxodo. Estas treze qualidades atravessaram toda a Tradição rabinica, tendo sido exaustivamente comentadas, até mesmo por Maimônides. Maimônides, Guia dos Perplexos, I, cap. 54. Provavelmente aqui Gabirol tenha se inspirado diretamente em Saadia, pelo qual nutre profunda admiração, que deriva estas treze qualidades diretamente do Amor.

<sup>(54)</sup> IBN GABIROL, *La Corrección de los Caracteres*, p. 100.

<sup>(55)</sup> Idem, p. 101.

<sup>(56)</sup> Ibidem.

quando alcançam aquilo que desejam. Gabirol acredita particularmente que esta característica ocorre “sobretudo naqueles homens que têm a alma livre de sujeiras, puras, piedosas, sem mancha, que estão instaladas no reino celestial e que aspiram a coisas espirituais”<sup>57</sup>. Como efeito contrário, adverte a que o riso não se torne falta de respeito.

Uma das coisas que Sócrates disse acerca da alegria é que: “aquilo que traz alegria, também traz tristeza. E na ética de Diógenes, afirma-se acerca da alegria: “A alegria é vida e nobreza para o coração, enquanto a aflição é opressão e ruína para o mesmo”<sup>58</sup>.

Mais uma vez, insiste na localização destas características, afirmando que Galeno estava equivocado ao afirmar que a alegria seria uma característica da alma racional. A alegria, tal como as demais características descritas neste livro, pertence à alma animal: “Por esta razão, o homem (sábio) desejará que a alma animal se submeta à alma racional, quer dizer: que sua razão seja aquela que dirige sua natureza.”<sup>59</sup>

O segundo capítulo desta terceira parte é dedicado à tristeza. A natureza desta característica é o frio e seco, na bÍlis negra e amarga, da qual nenhum homem é capaz de livrar-se definitivamente e, por vezes chega a atingir um grau tão extremo que é capaz de gerar doenças psíquicas. Aqui temos, como graus dessa tristeza a angústia e a depressão (melancolia). Esta característica está relacionada ao amor que o homem dirige ao mundo “da geração e da corrupção”<sup>60</sup>, pois, ao perder aquelas coisas que tanto desejava e acreditava serem suas, abate-se por uma profunda tristeza. A cura consiste em afastar-se dos interesses mundanos e das ocupações fúteis e aproximar-se das ciências morais e das leis religiosas.

Este é um dos mais extensos capítulos da obra e equipara o sofrimento ao qual está exposto o homem à corrupção, portanto ao ser:

---

<sup>(57)</sup> Idem, p. 103.

<sup>(58)</sup> Idem, p. 104.

<sup>(59)</sup> Idem, p.103-4.

<sup>(60)</sup> Idem, p. 105.

Sabemos, além do mais, que se imaginarmos em nosso interior que nenhuma desgraça pode nos alcançar, é como se quiséssemos não ter existido em absoluto. E isso porque as desgraças são próprias da corruptibilidade das coisas mundanas. Se assim não fosse, não haveria ser. Em conseqüência, se queremos que não existam desgraças, é como se quiséssemos que não existisse ser (algum) pois o ser é (parte) da natureza e a corrupção também é parte dessa mesma natureza. Portanto, se quisermos que não (seja a corrupção e as desgraças parte da) natureza, queremos uma impossibilidade e, quem deseja uma impossibilidade, seu desejo será negado e aquele ao qual é negado seu desejo é um desgraçado.<sup>61</sup>

Desse modo, para Ibn Gabirol, a tristeza é uma característica natural, da qual nenhum de nós pode fugir ou deixar de possuir em sua constituição. Mas seu exagero que é aquilo que torna o homem um desgraçado ou angustiado é muito mais uma opção humana do que propriamente uma disposição natural. O homem cultiva esta característica através dos desejos impossíveis, para ao final, sentir-se um desgraçado. Pois, “não há o mínimo rastro de tristeza naqueles que têm as almas elevadas e aspirações nobres. Perguntou-se a Sócrates: Porque não vemos em ti nenhum vestígio de tristeza? E ele respondeu: Porque jamais possuí coisa alguma cuja perda me entristecesse.”<sup>62</sup>

Em seu funcionamento normal, ou seja, enquanto uma qualidade natural presente no ser humano, a tristeza cumpre uma função de limpeza. Algumas impurezas da alma são expelidas através das lágrimas e do pranto.

O terceiro capítulo versa sobre a tranqüilidade, à qual faz tão somente elogios. É uma qualidade forte nos santos e naqueles que confiam em Deus. O quarto capítulo desta parte é sobre o arrependimento.

---

<sup>(61)</sup> Idem, p. 106.

<sup>(62)</sup> Idem, p. 107.

Nesse ponto cita Saadia: “Assim o explica nosso mestre Saadia al-Fayumi, Deus esteja satisfeito com ele. Disse um homem santo: Aquele que se arrepende dos pecados passados, é como se não tivesse pecado.”<sup>63</sup> Mas, adverte para que o que deve ser buscado é não precisar do arrependimento, evitando colocar-se em situações que o levem a ter de arrepender-se depois.

Ainda que isso não esteja nas mãos dos homens, quer dizer, o dominar a si mesmo, escolhendo as próprias características, no entanto, de acordo com isso, pode desejar ir progredindo pouco a pouco dos modos de conduta baixos até os elevados e das características vis em direção a outras mais excelsas. Este é o ápice da felicidade: que o homem seja capaz de refrear a própria alma, dominá-la e fazê-la caminhar pelos bons costumes. Aquele cuja natureza obedece à razão, faz de si senhor (de tudo). Seu mérito se torna excelente e útil e seus atos são louvados.<sup>64</sup>

Passa então para a quarta parte, cujo primeiro tema é a ira. Sobre esta característica, afirma ser uma das potências<sup>65</sup> da alma animal, ainda que, por analogia, tenha sido considerado como qualquer das outras qualidades. Conforme a tônica que perpassa o conjunto da obra, essa qualidade apresenta um lado benéfico associado ao seu aspecto negativo. Citando Galeno, afirma: “Aquele que usa a ira com reflexão, mostra dignidade e aquele que a exercita irrefletidamente, a estupidez”<sup>66</sup>.

Classifica assim a alma irascível em quatro graus: 1) o primeiro é aquele que tão rapidamente quanto se encoleriza, apazigua os ânimos. Este apresenta uma situação equilibrada e advém, na maior parte das vezes, do homem que apresenta o humor da bílis amarela. 2) o segundo é aquele que é lento em encolerizar-se e lento em apaziguar-

<sup>63</sup> Idem, p. 111.

<sup>64</sup> Ibidem.

<sup>65</sup> Neste livro não explicita a diferença entre as características e as potências.

<sup>66</sup> IBN GABIROL, *La Corrección de los Caracteres*, p. 113.

-se. Também designa uma situação equilibrada. 3) o terceiro é aquele que se encoleriza com rapidez, mas tarda em acalmar os ânimos. Este encontra-se num estado reprovável, pois afasta-se do justo meio. 4) e o último é precisamente o inverso: aquele que tarda em encolerizar-se e se acalma rapidamente. Este é o caso dos homens virtuosos. Assim, o homem virtuoso não deve encolerizar-se em excesso.

O segundo tema abordado é a complacência. É um caráter elogiável, do qual deriva a satisfação. Dessa característica derivam algumas ramificações, tais como: saber desculpar os demais e perdoar suas falhas e faltas. O terceiro tema é a inveja. É uma característica que apresenta parentescos com a ira. Se esta característica predomina sobre as outras qualidades naturais, é reprovável.

O quarto tema é a vitalidade. Esta pertence ao humor da bílis amarela e é freqüente em almas penetrantes e nobres. “No mundo da geração e da corrupção o homem deve agir com vitalidade em busca das ciências, assim como do bom serviço (de Deus) na fé e encontrar assim a maneira de se autogovernar para alcançar o mundo da razão”<sup>67</sup>. Por outro lado, em direção às paixões, aos desejos mundanos e à ira, essa característica é perniciosa, devendo ser controlada. O excesso de vitalidade conduz à precipitação, que não deve ser utilizada nos assuntos que exigem seriedade. “A beleza do estado de vitalidade está em que (este) reside na capacidade da alma, não que apareça nas ações apressadas”<sup>68</sup>.

A quinta e última parte do opúsculo é destinada às características relacionadas ao sentido do tato. Em seu primeiro capítulo discorre sobre a generosidade, que é uma qualidade louvável quando exercido com moderação, para que seu exagero não toque os limites da prodigalidade, mas que, ainda assim é preferível ao seu oposto, a avareza. Um dos pontos a respeito da generosidade é que aquele que a possui não tem necessidade de nada:

---

<sup>67</sup> Idem, p. 119.

<sup>68</sup> Idem, p. 120.

Uma das coisas que o homem deve saber é que, quando se encontra em situação próspera, sua generosidade não irá esgotar a abundância e que quando se encontra em situação de privação, sua escassez não o libertará disso.<sup>69</sup>

O lado nefasto dessa qualidade, que já foi referido anteriormente, é a prodigalidade:

O lado mau desta característica é que o homem desperdice seus bens no que não é necessário e que os administre mal; por exemplo, aquele que os desperdiça para dedicar-se aos prazeres e para seguir seus desejos passionais<sup>70</sup>.

O segundo capítulo aborda a qualidade oposta, ou seja, a avareza, que é uma qualidade censurável. “Dentre as múltiplas características censuráveis, não há outro mais forte que este”<sup>71</sup>. De acordo com o autor, o homem nobre deve afastar-se desta característica e não exercitá-la em circunstância alguma. O único aspecto interessante desta qualidade é que evita o desperdício e a prodigalidade, mas isso não deve ser excessivamente exercitado, posto que impediria que o homem escolhesse por fim, como guia de suas ações, a generosidade.

O terceiro capítulo versa sobre a coragem (valentia). Esta característica aparece nos homens nos quais “prevalece o sangue sobre os demais humores naturais, que possuem um coração grande, as veias cheias e os braços longos”<sup>72</sup>. Esta característica é louvável quando surge no homem como a força e a determinação para lutar contra o mal. Mas, quando não se encontra no justo meio, entre a coragem e a covardia, torna-se reprovável, induzindo à temeridade. Esta característica também deve ser encaminhada ao serviço de Deus.

O quarto e último capítulo dedica-se a discorrer sobre a covardia, à qual estão ligadas a preguiça, a ignomínia e a vileza .

---

<sup>(69)</sup> Idem, p.122.

<sup>(70)</sup> Ibidem.

<sup>(71)</sup> Idem, p. 125.

<sup>(72)</sup> Idem, p. 127.

Diz-se que esta característica é exercida sobre as demais características, normalmente por aqueles que desejam a tranqüilidade neste mundo. Mas, estes ignoram que a paz da alma só pode ser plenamente atingida depois de um cuidado tenaz e de uma execução exata dos assuntos, e depois de arranjar o que for necessário.

Além disso, esta característica engendra males físicos, doenças. Assim, esta qualidade se converte num hábito e o homem passa a ver todas as coisas como defeituosas e contrárias a ele, “sobretudo se o covarde tem um humor fleumático, além de uma idade avançada, com o que ambas coisas pesam sobre ele de maneira excessiva”<sup>73</sup>.

Com esses vinte pequenos capítulos, Ibn Gabirol termina seu resumo das principais características da alma animal, que devem ser controladas e submetidas à razão, a fim de que a alma possa elevar-se ainda mais. Em suas conclusões, destaca que não se alongou demasiadamente nos capítulos e nas características, especialmente nos aspectos técnicos, resumindo com o objetivo de não parecer demasiadamente extenso ou aborrecido ao leitor:

Não vinculamos todas as características com cada uma das naturezas, nem com cada um dos sentidos, assim como tampouco relacionamos os sentidos com as naturezas, de modo que demonstrássemos claramente qual a localização no corpo de cada uma das características, assim como muitas outras coisas da ciência dos humores, da anatomia e da fisionomia. Pensei, entretanto em deixar tudo isso para um momento posterior, se Deus, Louvado seja, assim o quiser, pois é a Ele a quem há que pedir toda a ajuda.<sup>74</sup>

Afirmar ter claro que sua tipologia não esgota as características da alma, mas as demais que podem ser aventadas podem ser

---

<sup>(73)</sup> Idem, p. 130.

<sup>(74)</sup> Idem, p. 131.

relacionadas com as aqui expostas e consideradas como variantes. E, ao final, defende a pertinência de seu livro contra eventuais críticas acerca de sua postura de que as características da alma devem ser corrigidas, tomando sua própria experiência como medida, da seguinte maneira:

Alguém pode opor-se a mim dizendo: “Não deves incitar as pessoas a corrigir suas características e a conscientizá-las de que devem embelezar sua educação, sem que isso se encontre (já antes) na natureza de tua (própria) alma, pois (desse modo) serás como aquele que recomendava a piedade e se esquecia de si mesmo”. Ao qual responderemos: “Toda vasilha verte aquilo que contém”. Que ignorante é aquele que deseja percorrer o mundo sem conhecer quanto mede uma *parasanga* que tenha de percorrer! Não mencionamos nenhuma virtude que não tenhamos imitado. Nem louvamos nenhuma característica até que não tenhamos nos acostumado de modo natural a ele. Aquele que se adorna com o que não possui, as tentações se encarregarão de por a descoberto o que pretendia possuir.<sup>75</sup>

Finalizando, louva a Deus e, de alguma forma também à razão, quando afirma que “devo dar graças àquele que outorga graciosamente a razão”<sup>76</sup>. Depois dos louvores e de uma citação do salmo 109, finaliza seu texto com a frase: Louvado seja Deus, Senhor do Universo, frase historicamente relacionada ao Islam, tanto que figura na abertura do Corão.

## CONCLUSÕES

*“Não há característica reprovável que não contenha algum benefício em certas*

---

<sup>(75)</sup> Idem, p. 132.

<sup>(76)</sup> Ibidem, p. 132.

*ocasiões, assim como não há característica louvável que não apresente algo de mau em muitos momentos*<sup>177</sup>

A originalidade fundamental de Ibn Gabirol nesta obra consiste na aplicação da teoria clássica dos humores às questões éticas. Se partirmos de seu pressuposto, de que estas características nada têm a ver com a alma racional, situando-se na parcela animal da alma, observaremos que é uma conclusão bastante lógica. Devido à naturalização da ética, devemos levar em conta os “remédios” naturais para a retificação da conduta. A má conduta moral, assim como o mal em si, não tem sua origem na criação da matéria, no pecado original, ou em qualquer falha estrutural, seja humana ou divina. O “mal” não é substância ou qualquer coisa por si mesmo; para Ibn Gabirol, o mal é tão somente a incapacidade da razão em subordinar e comandar as qualidades naturais humanas, provenientes da parcela animal da qual todos nós dispomos na alma, através da liberdade que também nos foi concedida na criação. Assim, as características naturais da alma animal não são nem boas nem más, nem qualidades nem defeitos, nem virtudes nem pecados, mas tão somente características que, se forem subordinadas à razão, a qual está em plena concordância com os desígnios de Deus para a humanidade, tornar-se-ão mais sutis e bem utilizadas. Caso sejam deixadas à mercê dos caprichos do desejo e paixões inferiores, tornam-se mal utilizadas e perniciosas, portanto, contrárias aos desígnios de Deus.

Assim, a educação merece uma atenção especial e desempenha um papel fundamental no processo de formação do homem justo e virtuoso. Em sendo as características apontadas atributos da alma animal, o que resta à alma racional é o livre-arbítrio, exercido através da própria razão. A correção das qualidades animais, obtida através da retificação da conduta e sua conseqüente subordinação

---

<sup>177</sup> Idem, p. 113.

à razão e aos desígnios de Deus caminha em direção ao objetivo maior do homem, sua causa final, expressa n' *A Fonte da Vida* como sendo o conhecimento.

## BIBLIOGRAFIA

AUVERGNE, William. **The Universe of Creatures**. Trad. Roland J. Teske, Milwaukee: Marquette University Press, 1998.

BRUNNER, Fernand. **Platonisme et Aristotelisme**. La critique d'Ibn Gabirol par Saint Thomas D'Aquin. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1965.

CANO, María José. **Ibn Gabirol, Poesía Religiosa**. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1992.

DE LIBERA, Alain. **A Filosofia Medieval**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GRAETZ, Heinrich. **History of the Jews**. Vol 3. Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1949.

IBNEZRA, Moshé. **Kitâb al-muhadarah wa-l-mudakara**. Traducción y edición Montserrat ABUMALHAM. Madrid: CSIC 1976.

IBNGABIROL, Salomon. **La Corrección de los Caracteres**. Introdução, tradução e notas, Joaquín LOMBA FUENTES .

MILLÁS VALLICROSA, José María. **Selomo Ibn Gabirol Como Poeta y Filósofo**. Edición Facsímil. Estudio Preliminar María José Cano. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1993.

MUNK, Salomon. **Mélanges de Philosophie Juïve et, Arabe**. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1927.

SÁENZ-BADILLOS, Ángel. **El Alma lastimada: Ibn Gabirol**. Córdoba: Ediciones El Almendro, 1992.

**Kitâb Tabaqât al-umam**, Libro de las categorías de las  
Madrid: Editorial Trotta, 2000.